

# Fiúza prega união contra teses estatizantes

*Dora Tavares de Lima*

**Waldir** — O governador da Bahia, Waldir Pires, disse, no município de Itamarajá, que o plano econômico do governo José Sarney contraria os compromissos assumidos pelo presidente Tancredo Neves. "Tancredo garantiu", lembrou Waldir, "que não pagaria a dívida externa limitando o crescimento do país e, acima de tudo, com a fome do povo brasileiro. O plano do governo federal significa justamente o oposto." Na opinião do governador, de pouco adianta o recorde no saldo da balança comercial brasileira (em abril, registrou-se a diferença de 1,9 bilhão de dólares entre as exportações e as importações), se isso entorpece o mercado interno e, "acima de tudo, bate todos os records quanto à fome do povo".

RECIFE — Ao falar aos 3 mil 500 empresários, senadores, deputados, prefeitos, trabalhadores rurais e líderes sociais que se reuniram no Clube Internacional de Recife para homenageá-lo, o deputado Ricardo Fiúza (PFL-PE) convocou a livre iniciativa para lutar, no segundo turno de votação da Constituinte, contra as teses "estatizantes, nacionalistas exacerbadas e anacrônicas" já aprovadas nos capítulos da Ordem Econômica e dos Direitos Sociais.

No discurso de 18 páginas, que fez no início da madrugada de sábado — acompanhado por gestos de aprovação dos presidentes das federações das indústrias de São Paulo e do Rio, Mário Amato e Artur João Donato, e das confederações da indústria e do comércio, senador Albano Franco (PMDB-SE) e Antônio de Oliveira Santos —, Fiúza fez duras críticas à Constituinte e à intervenção do Estado na economia.

**Abertura** — O deputado disse que está na hora de os defensores da livre iniciativa "darem um basta" e manifestarem seu inconformismo por terem sido "apenas caudatários das decisões fundamentais sobre o nosso destino". Pregou a necessidade de a economia acompanhar o processo de abertura ocorrido na política e criticou a livre iniciativa por ter cuidado da economia, embora atrelada ao Estado, e descuidado da vida pública, acrescentando: "Cedeu espaços à ação de minorias bem organizadas que dão à nação a falsa impressão de que representam os anseios do povo brasileiro." Por isso, ele acha que o empresariado deve assumir uma postura nem contra nem a favor do Estado, mas de atuação efetiva "dentro do Estado, influenciando nas suas decisões".

Embora tenham faltado as lideranças mais esperadas, como Antônio Ermirio de Moraes, do Grupo Votorantim, e o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luis Antônio Medeiros (ambos justificaram a ausência), a

feita foi maior do que Fiúza esperava. E bem maior ainda do que imaginavam seus amigos que a organizaram: eles esperavam no máximo 2 mil pessoas.

Em matéria de acontecimento social, as coisas não poderiam ter saído piores. Falhou comida, e bebida só conseguia quem tinha prestígio com os garçons. A maioria das pessoas — que depois saíram para jantar nos restaurantes de Recife e Olinda — só pôde comer duas colheresadas de arroz e uma concha de *stroganoff* de frango. O segundo prato previsto, de carne com batatas, e a torta de chocolate, só para a mesa principal de 18 pessoas. Para completar, faltou luz durante o inflamado discurso do líder do PFL na Constituinte, deputado José Lourenço. Obra da CUT, segundo uma vez do fundo do saião.

**Força** — Mas, em termos políticos, o sucesso foi inegável. As lideranças expressivas de Pernambuco, e as universárias de Fiúza, estavam todas lá: o senador Marco Maciel, o ex-governador Roberto Magalhães, o deputado Joaquim Francisco, o ex-prefeito Gustavo Krause e até o candidato derrotado ao governo do estado em '86, José Márcio Monteiro. Ninguém teve dúvidas de que Fiúza conseguiu seu objetivo: demonstrar força para disputar em condições de igualdade a candidatura ao governo de Pernambuco. Marco Maciel sabe que agora tem de dividir espaço no PFL.

No plano nacional, o apoio à pretensão de Fiúza de integrar o Ministério José Sarney foi discreto. Albano Franco admitiu que sua "base" de 23 federações das indústrias acha Fiúza o nome ideal para o Ministério da Indústria e do Comércio, mas Artur João Donato lembrou que, no momento, o assunto é delicado, em função do estado de saúde do ministro José Hugo Castelo Branco. "Fiúza é uma liderança emergente, tem o apoio da classe empresarial e está credenciado a ocupar altos cargos e posições políticas", disse Donato.